

Para resgatar valores e sentimentos

GLOBO

Educação
28 FEV 1998

CARLOS ALBERTO RABAÇA

Notícias de Brasília dão conta de que as escolas do ensino fundamental (1^a à 8^a série) terão liberdade para organizar seus currículos, segundo proposta do Conselho Nacional de Educação. A Câmara de Ensino Básico determinará as diretrizes que devem ser seguidas, indicando que, além das áreas de conhecimento já habituais (língua portuguesa, matemática, história, geografia, artes e educação física), as escolas devem considerar princípios e fundamentos de saúde, pluralidade cultural, relações com a comunidade etc.

Agora mesmo, uma pesquisa com 96 mil estudantes, entre 13 e 18 anos, realizada em todo o Brasil, sob os auspícios de Unicef, Unesco, Fundação Odebrecht e Ministério da Educação, revela as queixas e reivindicações dos jovens em relação ao ensino. Algumas conclusões são claras: os estudantes querem mais diálogo, liberdade para discutir problemas, mas também querem limites, regras e valores que sejam obedecidos por todos,

professores e alunos. Enfim, os colégios brasileiros precisam de uma reforma mental.

Talvez seja este o momento para uma profunda reflexão sobre a pedagogia da educação e o papel do professor como agente de mudanças. De que professor estamos falando? De um professor cansado, frustrado, mal remunerado, desprestigiado ou de um professor que quer ser reconhecido por amar o que faz. Falamos de um que não quer apenas ensinar matemática e português, mas abrir corações e mentes de seus alunos. Quer transmitir valores, formar cidadãos, deixar na lembrança de cada aluno uma lição que possa orientá-lo no mundo embrutecido em que vivemos.

Cansado de usar a matemática para contabilizar derrotas, não aguenta mais exigir que crianças e jovens expressem corretamente idéias incorretas. É sabido que o mundo conhece um desenvolvimento científico e tecnológico sem precedentes. Mas ele não quer falar de máquinas, quer falar de amor, justiça, liberdade, ética, solidariedade. Quer transmi-

tir conceitos simples e de sabedoria permanente.

Quer educar. Esse professor não é um, mas muitos que hoje se angustiam diante da responsabilidade de formar jovens. Sensibilizar a turma para as questões éticas e morais não exige materiais caros e sofisticados, mas pede do professor algo que nenhuma tecnologia pode oferecer: o coração aberto para tornar suas aulas mais esperançosas e voltadas para a formação humana de seus alunos.

A escola, geralmente, valoriza a inteligência e a capacidade de aprender acima das outras qualidades humanas. No entanto, isoladamente, a inteligência não constitui o valor de um homem. Um homem mau, mal-intencionado e inteligente é um perigo para si e para seus semelhantes.

Não é a inteligência pura, nem a forma e a cor do corpo, nem a beleza e nem mesmo o sucesso que dão grandeza ao homem: é o lado moral do seu ser. O valor de um homem depende de sua boa vontade, de sua vigorosa disposição para se tornar útil ao próximo.

Será que adianta fazer uma apostilha, pedir aos alunos que leiam e decorem o texto e depois respondam a perguntas sobre seu valor moral? Bobagem. No máximo, eles vão aprender a repetir o tema e tirar boas notas na prova. Prova? Haverá prova de valor moral?

Contar histórias com conteúdo moral tido como edificantes? Pior ainda. O uso da literatura como arma educacional é um dos maiores responsáveis pelo desprezo que os jovens votam à leitura.

O homem fala o que pensa, mas age como sente. Logo, quando pretendemos trabalhar com valores morais, não é no nível do intelecto que o professor deve atuar, mas no do sentimento. Se o professor consegue que o aluno sinta-se bem em ser útil à sua comunidade, se consegue que ele descubra o prazer de envolver-se em atividades que beneficiem a todos, seu papel como formador está cumprido.

Uma das maneiras de despertar esse prazer é o envolvimento da turma em atividades comunitárias. Mutirões, ações benficiantes, organização de eventos, projetos de assistência a populações ca-

rentes podem ser ótimas oportunidades para a descoberta da alegria do trabalho em prol da comunidade e da dignidade pessoal do educando. Quando um homem não tem o sentimento de sua dignidade, não atinge a consciência de seus direitos, não chega a ser um cidadão. Acomoda-se à idéia de que podem tratá-lo como um coisa, um instrumento.

Enfim, a escola que desejamos não pode querer ensinar demais, nem passar superficialmente pelos valores da cidadania. Tem que ser uma escola voltada para a vida e aberta aos problemas do seu tempo.

Para a implantação dessa nova escola não bastarão as diretrizes da Câmara de Ensino Básico que serão homologadas pelo ministro da Educação. É preciso que o Governo realmente priorize a educação, para fazer vigorar uma escola reveladora de valores, acolhedora, bem cuidada e com professores remunerados dignamente.

CARLOS ALBERTO RABAÇA é professor e sociólogo.